

BOLA DA VEZ

Intervenção do Planalto na escolha do novo presidente do Senado desagrada o PFL. É a retomada da aliança preferencial do PSDB com o PMDB, articulada pelo ministro da Saúde, José Serra

Planalto isola o PFL

Olímpio Cruz Neto
Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

O senador Ramez Tebet tornou-se ontem o presidente de metade mais um dos senadores. Uma pesada articulação do governo e de parte do PMDB que ainda tenta salvar o senador Jader Barbalho (PMDB-PA) garantiu a vitória do ex-ministro da Integração Nacional. A solução, porém, está longe de ser o ponto final da crise que se abate sobre o Congresso. O governo poderá ter de amargar o aprofundamento da crise entre os partidos aliados. Eleito presidente do Senado por 41 votos contra 31 em branco e três votos nulos, o senador Ramez Tebet (PMDB-MS) jura que quer a paz entre os partidos. Em seu discurso de posse, prometeu, com voz embargada e olhos lacrimejantes, buscar a solução e o caminho para acabar com as "disputas de egos" entre os senadores da base governista e por fim às "intolerâncias pessoais". Falou ainda ter alcançado "mais do que merecia".

A recepção ao discurso resume a falta de legitimidade de Tebet. "Foi um discurso de vereador, de quem não tem a dimensão da cadeira em que acaba de se sentar", avaliou Paulo Hartung (PPS-ES). "Ele agradeceu por não haver vulcão, nem terremotos. Mas há um abalo aqui a cada semana", ironizou Heloísa Helena (PT-AL). Aplausos, só de alguns senadores do PMDB e do PSDB. O mais constrangedor foi a reação do PFL. A maioria dos integrantes da bancada retirou-se do plenário assim que o presidente em exercício do Senado, Edison Lobão (PFL-MA), anunciou o placar.

PROTESTO PEFELISTA

O gesto foi um protesto dos pefelistas, que votaram majoritariamente em branco, junto com senadores da oposição e dissidentes do próprio PMDB. Tebet presidiu o processo político contra Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PSDB-DF), acusados da violação do painel eletrônico. Mas a reação pefelista tem um motivo mais forte do que o simples rancor em relação ao processo contra Antonio Carlos. O partido sabe que a vitória de Tebet teve co-

Ronaldo de Oliveira



O VELHO E O NOVO: JADER (À DIREITA) DEIXOU A PRESIDÊNCIA DO SENADO, MAS COM TEBET (À ESQUERDA) EM SEU LUGAR ESPERA AJUDA CONTRA CASSAÇÃO

"FOI UM DISCURSO DE VEREADOR, DE QUEM NÃO TEM A DIMENSÃO DA CADEIRA EM QUE ACABA DE SE SENTAR"

PAULO HARTUNG
Senador (PPS-ES)

mo pano de fundo a reaproximação entre o PSDB e o PMDB para uma possível aliança em 2002 (veja análise da notícia abaixo) e a participação direta do Planalto e do ministro da Saúde, José Serra.

Na madrugada de quarta-feira,

os pefelistas tentaram a todo custo abortar a operação entre os dois partidos. O líder da bancada no Senado, Hugo Napoleão (PFL-PI), telefonou para o senador José Fogaça (PMDB-RS) pedindo que ele disputasse o cargo no plenário. A oposição, que não pretendia ver um aliado de Jader no comando, também procurou Fogaça. A resposta foi não. "Disputei na bancada e perdi. Respeitarei o meu partido", disse o senador.

Pela manhã, os pefelistas ficaram ainda mais irados quando, ao conversar com líderes do PSDB para tentar lançar o senador José Agripino (PFL-RN), perceberam que estavam sozinhos. José Serra já havia pedido a senadores do partido que votassem em Tebet. Sem espaço para vencer a eleição, o presidente pefelista, Jorge Bornhausen, sugeriu o voto em branco, prontamente acatado pela maioria, e avisou o presidente Fernando Henrique. Até o início da vota-

ção, o secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira, tentou, sem sucesso, levar o PFL a rever a sua intenção.

VITÓRIA DE JADER

O tom beligerante aqui não vai acabar", previu o líder petista José Eduardo Dutra (PT-SE). Para a cúpula do PFL, a eleição do senador representa uma vitória pessoal de Jader. E uma derrota de todo o PFL. A promessa velada dos pefelistas é manter a guerra de guerrilhas contra o PMDB no Senado, que respingará no governo.

O PFL esperava que José Sarney (PMDB-AP) fosse o candidato de consenso. Mas a opção pelo ex-presidente não era bem vista pelo Palácio do Planalto, tampouco pelo comando do PMDB. Na reunião em que o PMDB escolheu seu candidato, no final da noite de quarta-feira, a resistência a Sarney ficou explícita. Sarney entrou na reunião candida-

to. Mas disse que viu um "jogo de cartas marcadas". O líder Renan Calheiros (PMDB-AL) anunciou que haveria disputa, numa eleição secreta.

Foi o bastante para Sarney sair do encontro irritado com a cúpula peemedebista e com o "jogo duplo" de Renan. E, muito mais, com o presidente Fernando Henrique Cardoso, que ajudou a costurar a indicação do ex-ministro da Integração Nacional. No PMDB, Tebet foi escolhido por 12 votos contra 6, dados a José Fogaça (PMDB-RS), e 1 a José Alencar (PMDB-MG). Sarney teve um voto solidário, "pontual", dado pelo amigo Gilvan Borges (PMDB-AP).

Na reunião do PMDB, Tebet disse que Jader estava sendo vítima de um "linchamento político sem precedentes" e que isso "tem que acabar". A disposição de Tebet foi relatada ao comando pefelista, que teme agora o arquivamento do processo contra Jader.